

"[1] Passado certo tempo, houve uma festa dos judeus; e Jesus subiu para Jerusalém. [2] Em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, há um tanque, chamado Betesda na língua dos hebreus, o qual tem cinco pórticos. [3] Neles ficava uma grande multidão de doentes: cegos, mancos e paralíticos, deitados [esperando o movimento da água. [4] Pois um anjo do Senhor descia de tempos em tempos ao tanque, e agitava a água; então o primeiro que ali entrasse, depois do movimento da

água, sarava de qualquer doença.] [5] Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. [6] Vendo-o deitado e sabendo que vivia assim havia muito tempo, Jesus lhe perguntou: *Queres ser curado?* [7] O enfermo lhe respondeu: *Senhor, não há ninguém que me ponha no tanque quando a água é agitada; por isso, enquanto eu vou, outro desce antes de mim.* [8] E Jesus lhe disse: *Levanta-te, pega a tua maca e anda.* [9] Imediatamente o homem ficou curado; e, pegando a maca, começou a andar... [14] Jesus encontrou-o mais tarde no templo e disse-lhe: *Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te aconteça coisa pior.*" (João 5.1-9a, 14 – Almeida Século 21)

1. INTRODUÇÃO

Quando observamos a cronologia da nossa vida, da nossa história, percebemos que o século XXI nos brindou com uma incontestável e importante evolução tecnológica. O mundo se apequenou, e hoje em dia sabemos, em tempo real, o que acontece nos quatro cantos do planeta. Acompanhamos desastres naturais ao vivo e em cores; somos informados sobre as novas invenções, as descobertas no campo da medicina, os recordes nas competições esportivas, as grandes novidades e acontecimentos importantes enquanto eles ainda estão se desenrolando ou no momento em que acabaram de acontecer.

No entanto, é curioso notar que, apesar do excepcional nível de desenvolvimento que o ser humano alcançou, ele continua enfrentando os mesmos sentimentos, tentações, sofrimentos e lutas que milhões de outras pessoas enfrentaram no passado. Talvez os problemas não se apresentem da mesma forma, mas a reação das pessoas segue o mesmo padrão há séculos, respeitando-se as diferenças individuais e os costumes sociais e culturais. A desconfiança, o medo, a dúvida, a desesperança, a rejeição, o desânimo, ainda incomodam e imobilizam homens e mulheres. Portanto, a evolução tecnológica, indiscutivelmente bem-vinda por diversos aspectos, não conseguiu aliviar as dores humanas.

Em se tratando de dores e frustrações existenciais, nenhuma faixa etária é tão fortemente atingida como a da adolescência. Todos sabemos que para entrar na vida adulta ninguém escapa à adolescência, por mais diversos que sejam os modos de vivê-la. Até para classificar a faixa etária que abrange os adolescentes não é algo fácil de fazer. Organização Mundial da Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos.

Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases: a) pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos; b) adolescência – dos 15 aos 19 anos completos; c) juventude – dos 15 aos 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos¹.

Etimologicamente, o termo “adolescência” é composto pelos prefixos latinos “ad” (para frente) + “dolescere” (crescer, com dores)². A adolescência é a faixa etária em que o ser humano passa por um amadurecimento “dolorido”. O adolescente está apto para crescer, para ir para frente no sentido psíquico e físico; mas também para “adoecer” no sentido de sofrimento emocional, com as mudanças mentais e biológicas que ocorrem nesse período da vida, uma vez que a pessoa não é mais criança e ainda não é um adulto³. Ele se torna um mutante existencial, um X-Men⁴ – só que sem os poderes sobrenaturais.

Crescer com dores significa que o adolescente está fazendo uma importante separação entre o seu estado de criança e a sua preparação para a condição de adulto emancipado. De maneira que todo adolescente é um “caçador” em busca de uma nova identidade. Essa aventura, rumo ao encontro de si mesmo, é recheada de tentativas frustradas e cheia de angústia e incertezas. Trata-se de um período de transformações, de crises, do doloroso convívio com o sofrimento da mudança constante do não-saber-de-si.⁵

Com a perda do corpo de criança e da identidade infantil, o adolescente segue em busca do seu novo “eu”. Ao fazer isso, se torna alvo em potencial de uma adversária poderosa e declarada: a sociedade. Vivemos em uma época em que as linhas que definem o certo e o errado embarçaram. Os valores familiares se perderam debaixo do cobertor da conveniência pessoal, ofuscados pela opção de “faça o que for melhor para você”.

Em geral, podemos considerar que conforme o corpo e a mente do adolescente evoluem, a sua “capacidade auditiva” de ouvir e dar atenção às palavras de pessoas mais maduras diminui. Normalmente o adolescente com 15 anos de idade tem dificuldade de entender o ponto de vista de alguém com 40 anos, porque ele ainda não vivenciou os 25 anos de espaço-tempo que os separa um do outro. Por outro lado, alguém com 40 anos de idade tem dificuldade de se expressar corretamente e

¹ PORTAL VIVENDO A ADOLESCÊNCIA. Adolescência. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 25/07/2015.

² ZIMERMAN, David E.. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. 459 p.

³ OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. 196 p.

⁴ **X-Men** é uma equipe de super-heróis de histórias em quadrinhos épicas publicadas nos Estados Unidos pela Marvel Comics. Os X-Men são mutantes: humanos que, como resultado de um súbito salto evolucionário, nasceram com habilidades super-humanas latentes, que geralmente se manifestam na puberdade. (Wikipédia)

⁵ FERREIRA, J.. *Semiologia do corpo*. In: Leal OF, organizador. *Corpo e significado: ensaios de antropologia social* 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 34

entender a linguagem do adolescente com 15 anos porque, mesmo tendo mais experiência de vida, sua adolescência se deu em outro tempo. Fez parte de outra geração, diferente da atual.

Adolescentes não são “aborrecentes”. Nós somos. Eles são “aborrecidos”, pois não encontram em nós respostas para os seus anseios e necessidades. Ainda assim, cobramos deles uma postura e maturidade que não tínhamos na idade deles. Quando estão em casa ou na igreja, os adolescentes não se sentem seguros para falar das suas fraquezas, mas só das fortalezas. Por isso, quando não está em turma, o adolescente costuma viver na companhia da solidão – e se torna para da chamada “geração silenciosa”, que não encontra um igual com o qual possa compartilhar suas crises. Em decorrência disso, ele é tentado diariamente a seguir a moda e as tendências adotadas pela sociedade atual, a sociedade do seu tempo. Mesmo os adolescentes que se identificam como cristãos se tornam vítimas desse sistema e da poderosa influência que ele tem sobre eles. Aí que mora o problema. Afinal, não há conversão hormonal – mesmo que a maioria dos pais de adolescentes ignorem esse fato.

O autor do livro de Provérbios declara: “*Quem anda com os sábios será sábio, mas quem anda com os tolos acabará mal*” (Provérbios 13.20 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje). Todos nós somos o produto do meio em que vivemos, do nosso entorno. Mais que isso, somos o resultado dos nossos encontros. Somos quem somos por causa daqueles com quem nos relacionamos, com quem escolhemos compartilhar nossa história. Na vida, as maiores e mais importantes escolhas que fazemos, começam na adolescência. É nela que escolhemos qual moda seguir, e o resultado dessa escolha nos acompanha por toda a vida.

A passagem bíblica citada inicialmente mostra o Senhor Jesus chegando à cidade de Jerusalém para participar de uma festa promovida pelos judeus (v. 1). Em seguida o texto bíblico sinaliza que perto de uma das cinco portas de acesso à cidade, havia uma piscina para banho, chamada Betesda – palavra aramaica que significa “casa de misericórdia” (v. 2). Lá o Senhor Jesus encontra um homem que estava enfermo havia 38 anos (v. 5).

Na cultura judaica, quando o menino atinge a idade de 13 anos e um dia, ele é emancipado e considerado adulto pela comunidade. Na ocasião, ele passa pelo ato cerimonial chamado *Bar-Mitzvá*. Após a cerimônia, os pais deixam de ser responsáveis pelos atos do filho que, desde então, deve trabalhar e ajudar no sustento da família. Caso esteja permanentemente incapacitado para trabalhar, esse “novo adulto” é considerado pela própria família como “castigo de Deus” e colocado para fora de casa, à margem da sociedade, na condição de mendigo. Era essa a condição de vida daquele homem encontrado pelo Senhor Jesus. Ele mendigava próximo daquele lugar para mergulhar, desde a sua adolescência e juventude.

O texto bíblico relata que o homem estava deitado (v. 6), em uma espécie de cama (v. 8) – sinal de que estava permanentemente naquele lugar. A passagem bíblica ainda revela que ele estava naquela situação havia muito tempo (v. 6), à espera de uma cura milagrosa que nunca acontecia. Mas após

tantos anos de insucesso, por qual motivo aquele homem continuava ali? Por que insistir em algo que os longos anos de tentativas mostraram ser impossível de alcançar? Seria o sentimento esperança? Ou havia naquele homem uma fé inabalável no “anjo da cura”? Nenhuma das opções. O motivo dele insistir em permanecer ali era por causa do seu entorno, da ambiência das pessoas que estavam à sua volta em situações semelhantes.

O texto bíblico nos informa que perto daquele homem “*ficava deitada uma grande multidão de doentes: cegos, mancos e paralíticos*” (v. 3). Ele estava cercado de doentes por todos os lados. Não eram poucos os doentes, mas uma grande multidão de enfermos. Aquele homem passou trinta e oito anos em meio a essa ambiência. A degradação física fazia parte do seu entorno diariamente. Ele acabou se acostumando a uma vida de desgraça e infelicidade, a ponto de perder a vontade de responder a uma adequada fonte de ajuda. Como tantos outros que ali estavam, ele se acostumou a viver das esmolas que recebia dos transeuntes que por lá passavam, em direção à porta das Ovelhas – por onde eram conduzidas as ovelhas que seriam sacrificadas no Templo.

Sabemos que todos os doentes próximos do tanque esperavam o suposto movimento das águas – o que seria realizado por um anjo. O que talvez eles não soubessem, é que a espera deles não estava fundamentada na crença da existência de um local de cura miraculosa. Mas em uma de muitas lendas urbanas apoiadas em tradições religiosas daquela época. Os melhores manuscritos não incluem a última parte do versículo 3, e nenhuma parte do versículo 4; por isso, essas partes não são encontradas em algumas traduções modernas. A maioria dos estudiosos concorda que elas possam representar uma adição posterior, provavelmente de acordo com a tradição judaica que explicava o movimento das águas. Alguns copistas acrescentaram estas explicações para deixar claro o motivo por que os doentes ali estavam, e para explicar o significado do versículo 7.⁶ A maioria dos estudiosos bíblicos concorda que a agitação súbita das águas se devia a uma nascente de água que alimentava o tanque.⁷

Muitas pessoas esperam inutilmente por uma graça divina mas apoiam a fé, não nas Sagradas Escrituras, mas em lendas urbanas, superstições, dogmas religiosos, ou simplesmente confiam nas palavras de qualquer indivíduo que se apresente como guru espiritual dos tempos modernos. São pessoas que, sem saberem, estão “infectadas” por um tipo de “vírus” que “infectou” também aquele homem enfermo próximo ao tanque de Betesda. E que vírus seria esse? Podemos chamá-lo de “ismo” – sufixo grego que significa sistema, tendência. Os “ismos” possuem características extremamente influenciadoras, que sutilmente modificam o nosso mundo e, principalmente, a nossa forma de pensar. O pior é que esses “ismos” estão dentro de nós.

⁶ EARLE, Ralph & MAYFIELD, Joseph H.. *Comentário bíblico Beacon: João a Atos*. Vol. 7 Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. 63 p.

⁷ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: O Evangelho de João*. Trad. Elias Dantas & Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 255 p.

Na passagem bíblica, por exemplo, o homem enfermo padecia por causa do seu conformismo. Quando é questionado por Jesus se queria receber a restauração da sua saúde, o sofrido homem demonstra total aceitação e conformismo em relação a sua doença. Ao responder a Jesus dizendo: “*Senhor, não há ninguém que me ponha no tanque quando a água é agitada; por isso, enquanto eu vou, outro desce antes de mim*” (v. 7), fica subtendido o seu descontentamento com a sua situação de vida. Mas, paradoxalmente, também fica evidente o seu conformismo em relação à mesma.

Semelhantemente ao enfermo próximo ao tanque de Betesda, muitas vezes também nos encontramos “infectados” por alguns tipos de “ismos”⁸ – além do conformismo já mencionado. Dentre eles, podemos citar:

1. O humanismo – quando o homem destrona Deus como autoridade e entroniza a si mesmo. Isso acontece quando abortamos a nossa dependência de Deus, o tiramos do controle da nossa vida e passamos a viver por nós mesmos. **2. O hedonismo** – através da busca incansável e insaciável pelo prazer, pela satisfação e realização pessoal. Isso acontece quando substituímos o que é eterno pelo passageiro e temporário, quando deixamos de louvar a Deus em nosso corpo para saciar a nossa vontade carnal com as delícias que o mundo nos oferece. **3. O relativismo** – onde tudo é relativo, nada é absoluto. Não existe certo ou errado. Tudo é questão de interpretação. Isso acontece quando conceitos perversos que antes condenávamos passam a ser aceitos com naturalidade. É quando perdemos a nossa bússola moral. **4. O materialismo** – a obsessão por bens materiais. Isso acontece quando buscamos o que justifica a matéria e não o espírito. O ter substituindo o ser. É quando deixamos de ser grato pelo que temos e passar a murmurar pelo o que ainda não temos. **5. O individualismo** – quando a prioridade é o indivíduo e seus direitos. Isso acontece quando deixamos manifestar o nosso egoísmo, valorizando apenas o nosso universo pessoal, nos sentindo mais importante que o outro.

Os “ismos” nos contaminam e nos dominam. Eles ofuscam a nossa capacidade de discernir a real vontade de Deus para nossa vida e fazem com que sejamos pessoas sugestionadas e influenciadas pelos sistemas deste mundo. Foi o que aconteceu com aquele adoentado. Ele se acostumou a viver de esmolas. Se conformou a estar sempre à margem da sociedade, longe do convívio social, distante dos relacionamentos interpessoais e familiares. Aquele homem deixou de viver e passou apenas a existir. Dia após dia, ele esperava a morte chegar. Seus sonhos – se é que um dia existiram – foram extintos. Sua realidade passou a ser a simples contemplação da não-vida.

Quando toda a esperança parecia sepultada, o Senhor Jesus surge diante daquele homem e lhe faz uma pergunta: “*Queres ser curado?*” (v. 6). No primeiro momento a pergunta parece absurda. Qual pessoa enferma, em sã consciência, não quer a saúde restaurada? Nenhuma. Mas se a consciência

⁸ JAIME, Kemp. *Forças destruidoras da família: a sobrevivência da família na pós-modernidade*. São Paulo: Vida, 2012. 93 p.


não estiver sã, mas infectada por algum tipo de “ismo”, permanecer doente pode ser o desejo de muita gente. Ao aceitar a cura, o homem deixaria de receber esmolas e teria que trabalhar para se sustentar. Teria que aprender a ver a vida por outro ponto de vista. Precisaria lutar – e muito – para recuperar o tempo perdido. Criar ou restaurar laços familiares não seria algo fácil. Não haveria mais zona de conforto e, talvez por isso, muitos doentes insistam em permanecer assim. São para pessoas assim que o Senhor Jesus pergunta: “Você quer realmente ser curado?”.

É bastante comum nas igrejas evangélicas – principalmente entre adolescentes e jovens – ouvirmos frases do tipo: “Sempre que penso em mudar de vida, minha família me ignora”, “Sempre que me disponha a fazer algo na igreja, o pastor chama outra pessoa”, “Quando penso em cultivar um namoro santo, o clima esquenta”, “Quando penso em estudar a Bíblia de maneira acurada, surge um filme legal para assistir” etc.

Se o homem quisesse mesmo ser curado, não estaria apenas próximo ao tanque. Ele estaria dentro do tanque. Na pior das hipóteses, ele estaria na borda do tanque. Da mesma forma, se realmente queremos andar na moda de Deus, é necessário que demonstremos algumas atitudes. Em primeiro lugar precisamos nos “levantar” (v. 8), sair da apatia e entender que o nosso problema não são as “doenças”, mas a forma como reagimos a elas. Depois, necessitamos “andar” (v. 8), isto é, compreender que o Senhor Jesus não é um destino a ser alcançado. Mas um novo jeito de ir, uma nova moda, a moda de Deus. Por último, aceitarmos que, na maioria das vezes, a nossa realidade é resultado das nossas escolhas, das nossas decisões. Ao reencontrar o homem já curado no Templo, o Senhor Jesus lhe disse: “*Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te aconteça coisa pior*” (v. 14). A doença daquele homem não era fruto do acaso, um infortúnio simplesmente. A enfermidade o que atormentou por trinta e oito anos foi causada por algum tipo de ato pecaminoso praticado por aquele judeu.

As nossas reações, as nossas palavras, as nossas atitudes, o nosso comportamento – isso tudo nos marcará por toda a eternidade. É importante que todos nós: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, independentemente de gênero ou classe social, vivamos verdadeiramente, sustentando-nos nos princípios bíblicos e na dependência de Deus.

Vivemos envoltos por uma cristandade “holográfica” que é gerida pela “moda evangélica” onde, adoradores se tornam em ídolos, congressos se tornam espaços de promoção pessoal e o culto não passa de um meio de entretenimento coletivo. Por isso, importa que permaneçamos em constante oração para que as pessoas ao nosso redor possam ser capazes de perceber e sentir isso em nossa vida. Só assim poderemos andar “na moda de Deus”.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 25/07/2015, no 26º aniversário do ministério com adolescentes, promovido pela Primeira Igreja Batista no Parque Boa Esperança/SP.